Não procure uma saída nos meus olhos

Para ficar, às vezes é preciso parar de fugir da conversa



Laura Bellini

Não procure uma saída nos meus olhos

Para ficar, às vezes é preciso parar de fugir da conversa

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903704

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Os limites do enquadramento 13
Capítulo 2 - Espaço para outra pessoa 24
Capítulo 3 - A luz que não se pode deter 37
Capítulo 4 - Conversas depois que as portas se fecham 48
Capítulo 5 - O direito de dizer não 59
Capítulo 6 - A distância de um passo 69
Capítulo 7 - O que não dissemos 78
Capítulo 8 - Entre a proximidade e a confiança 88
Capítulo 9 - O preço de um enquadramento compartilhado 97
Capítulo 10 - Sem espaço para fugir 107
Capítulo 11 - As regras que não escrevemos 117
Capítulo 12 - Passagem só de ida 126
Capítulo 13 - Os limites do compromisso 135
Capítulo 14 - A verdade entre as palavras 145
Capítulo 15 - Todos os caminhos pelos quais você foi embora 155
Capítulo 16 - A distância de que preciso 165
Capítulo 17 - O que não preciso salvar 175
Capítulo 18 - Fique quando for difícil 185
Capítulo 19 - A luz que permanece 196
Capítulo 20 - Um lugar para dois 208

INTRO

Na minha primeira manhã em Brno, acordei cinco minutos antes do despertador e passei alguns segundos olhando para o teto do quarto do hotel, tentando me lembrar de onde estava. Então vi, sobre a cadeira, o rolo de impressões, a pasta com amostras de materiais e meu casaco jogado de um jeito que eu jamais aceitaria no meu próprio apartamento. Tudo voltou ao lugar. Brno. Hotel Zora. Três semanas de preparação condensadas em vinte e quatro horas de fotos. Uma única chance de convencer os proprietários do edifício de que aquele interior modernista não precisava ser salvo do próprio passado — precisava apenas ter permissão para respirar de novo.

Eu tinha um plano.

Um plano sempre era um bom começo.

Às sete e quarenta, eu já estava no segundo andar, entre os vidros leitosos e a parede azul opaca do corredor. O hotel estava fechado para hóspedes durante a reforma, por isso o silêncio ali parecia ter peso próprio. Eu ouvia o rangido dos meus sapatos sobre o piso de terrazzo e, ao longe, golpes de martelo vindos de algum ponto da ala técnica. A luz natural entrava pelas janelas estreitas no fim do corredor exatamente como eu havia previsto. Suave, fria, suficiente para realçar a geometria do lugar sem transformá-lo em um museu.

Desloquei uma pequena poltrona talvez cinco centímetros.

— Agora — disse para mim mesma.

— Agora não.

A voz veio atrás de mim.

Virei-me devagar.

O homem parado a alguns metros dali tinha uma câmera pendurada no ombro e uma bolsa preta apoiada junto à perna. Alto, jaqueta escura, cabelo um pouco comprido demais para alguém que claramente não sentia necessidade de pedir desculpas pela própria presença. Devia ter por volta de quarenta anos. Primeiro olhou para a poltrona, depois para a luz e só por último para mim.

Esse último olhar demorou um pouco mais do que deveria.

— Pois não? — perguntei.

— Se você deixar a poltrona aí, vai cortar a linha que conduz do corrimão até a janela.

— Se eu deixar a poltrona aí, talvez alguém finalmente perceba que isto é um hotel, e não um espaço vazio para um catálogo de arquitetura.

O canto da boca dele se moveu.

— Petra Witek?

Eu não gostava de situações em que um desconhecido sabia meu sobrenome antes que eu tivesse a oportunidade de descobrir quem ele era.

— Depende de quem está perguntando.

Ele se aproximou, mas parou a uma distância razoável. Estendeu a mão.

— Albert Pawlik.

Não apertei sua mão de imediato.

Eu conhecia aquele nome. Bem demais.

Albert Pawlik havia fotografado vários hotéis sobre os quais depois diziam que pareciam melhores nas fotos dele do que na realidade. Para uma arquiteta de interiores, era um elogio de um tipo perigoso. Eu também conhecia sua série sobre pousadas abandonadas às margens do Adriático e a sequência de fotografias de estações de trem em que as pessoas apareciam apenas como rastros desfocados. Ele sabia transformar um lugar em uma história. O problema era que, em geral, aquela história era dele.

Apertei sua mão.

— Você deveria chegar às dez.

— Eu deveria chegar às nove.

— O cronograma que recebi diz dez.

— O meu diz nove.

Ele soltou minha mão, mas por um breve instante o calor de sua pele permaneceu nos meus dedos. Aquilo me irritou mais do que o erro no cronograma.

Peguei o celular.

— Vou conferir.

— Você também pode simplesmente aceitar que nós dois estamos certos.

Olhei para ele por cima da tela.

— Isso parece a solução de alguém que não quer descobrir onde está o erro.

— Ou de alguém que não quer desperdiçar a luz investigando isso.

Ele indicou com o queixo a janela no fim do corredor. O sol já havia se deslocado o bastante para que a sombra da moldura começasse a cortar a parede azul.

Ele tinha razão.

Não disse isso.

— Antes de você começar, preciso montar três enquadramentos — avisei. — Móveis, luminárias e sinalização das portas. Quero mostrar a função do espaço.

— Eu quero mostrar o ritmo dele.

— Ritmo não paga as contas de um hotel.

— Função também não faz ninguém querer entrar aqui.

Aquilo deveria ter me irritado mais. Em vez disso, senti aquela curiosidade rara e pouco sensata que surgia quando alguém discordava de mim de maneira bem pensada, e não apenas pelo prazer de contrariar.

Albert tirou a câmera do ombro.

— Cinco minutos — disse. — Não mexa em nada.

— Esta é a minha composição.

— E esta é a minha fotografia.

— Uma fotografia do meu projeto.

— De um edifício que nenhum de nós projetou.

Por um instante, apenas nos encaramos.

Ele tinha olhos tranquilos. Não frios. O que era pior. Uma pessoa irritada sempre deixava algum ponto em que você podia se apoiar. Albert parecia capaz de permanecer do outro lado de um conflito sem sentir a menor necessidade de elevar a voz.

— Cinco minutos — repetiu.

— Três.

— Quatro.

— Eu não negocio meu próprio cronograma com um fotógrafo que aparece uma hora antes.

— Então três.

Ele cedeu com tanta facilidade que, por um segundo, não soube se eu tinha vencido.

Afastei-me e encostei na parede.

Albert começou a trabalhar.

Ele não tirava dezenas de fotos. Primeiro observava. Deslocava-se meio passo, verificava a altura, acompanhava o reflexo da luz no corrimão. Em certo momento se agachou; em outro, recuou tanto que quase entrou em um quarto vazio. Não tocou em nenhum dos elementos que eu havia colocado no lugar.

Depois de dois minutos, aproximou-se da poltrona.

— Posso?

Aquela única palavra me fez parar mais do que toda a segurança que ele havia demonstrado antes.

— O quê?

— Mexer nela.

Indicou exatamente o lugar que havia sido motivo da nossa discussão momentos antes.

— Você acabou de me pedir permissão?

— Às vezes acontece.

— Raramente?

Ele sorriu.

Dessa vez de verdade.

— Depende da pessoa.

Aproximei-me da poltrona.

— Mostre onde.

Ele não fez isso por mim. Ficou ao meu lado e indicou com a mão uma linha no piso.

— Aqui. Gira uns quinze graus.

Eu mesma movi o móvel.

— Assim?

Albert olhou pelo visor da câmera e depois para mim outra vez.

— Um pouco mais para a esquerda.

— Você disse quinze.

— Mudei de ideia.

— Isso não é um bom sinal.

— Para a foto?

— Para a parceria.

Durante alguns segundos, ele não respondeu.

Por fim, abaixou a câmera.

— Eu não estava planejando uma parceria.

A frase soou estranha naquele corredor vazio.

— Nem eu — respondi.

Tínhamos sido contratados para preparar material para uma exposição conjunta sobre lugares de passagem, mas, na minha cabeça, isso significava um acordo simples: eu cuidaria do espaço, ele da fotografia, e depois a curadora juntaria tudo. Sem mistura de competências. Sem negociações desnecessárias. Sem uma situação em que eu tivesse de fazer o resultado do meu próprio trabalho depender de um homem conhecido por aceitar um trabalho

em Berlim, terminá-lo no Porto e, uma semana depois, já estar trabalhando em Tallinn.

Albert ergueu a câmera novamente.

— Fique ali.

— Como é?

— Perto da janela.

— Eu não faço parte do cenário.

— Eu sei.

— Então para quê?

— Quero ver a escala.

— Arrume um tripé.

Ele riu baixinho.

— Um tripé não olha para mim como se estivesse montando uma lista de motivos pelos quais eu deveria desaparecer do seu projeto.

— Não é meu projeto.

— Pior ainda. Então você faz tudo isso sem ter qualquer direito de posse sobre ele.

— Eu faço porque me importo.

Ele abaixou a câmera.

O sorriso desapareceu de seu rosto, mas ele não desviou os olhos.

— Eu sei — disse.

Só isso.

E, mesmo assim, de repente tive a sensação de que ele havia dito algo a mais. Como se tivesse percebido não a poltrona, não a parede azul, não o cronograma no meu celular, mas a mim, parada no meio de tudo aquilo, tentando

manter cada variável sob controle antes que alguma delas tivesse a chance de me surpreender.

A sensação era desconfortável.

E perigosamente agradável.

Virei-me para a janela, como se quisesse apenas verificar a luz.

— Você tem seus três minutos — falei.

— Já passaram.

Olhei para o relógio.

Ele tinha razão.

— Então acabou.

Albert guardou a câmera na bolsa sem protestar.

— Certo.

— Certo?

— Você disse que acabou.

De novo, ele fez algo que eu não esperava. Não tentou negociar mais um minuto, não usou seu charme, não fingiu que não tinha me ouvido. Simplesmente aceitou o limite.

Eu deveria ter me lembrado disso.

Em vez disso, fiquei observando enquanto ele fechava a bolsa.

— E agora? — perguntou.

Abri a pasta com o planejamento do dia.

— Agora fazemos do meu jeito.

Ele levantou os olhos.

— E depois?

— Depois podemos testar o seu.

— Isso quase parece um acordo.

— Não se acostume.

Comecei a andar pelo corredor. Depois de alguns passos, ouvi os dele atrás de mim, tranquilos, sem pressa. Quando parei diante da porta do antigo bar, Albert ficou ao meu lado.

Não perto demais.

Perto o suficiente.

— Petra?

— Sim?

— Se nós vamos discutir pelas próximas semanas, me avise de uma coisa.

Olhei para ele.

— Do quê?

Por um instante, ele me observou sem sorrir.

— Quando você quiser que eu realmente fique e continue a conversa.

E foi justamente então que, em vez de responder, pensei pela primeira vez que talvez a coisa mais difícil em Albert Pawlik não fosse o fato de que, algum dia, ele pudesse querer ir embora.

Mas descobrir se eu mesma seria capaz de parar de preparar para ele uma saída conveniente.

Capítulo 1 - Os limites do enquadramento

O antigo bar do hotel cheirava a madeira recém-lixada, poeira e café que alguém havia deixado no parapeito de uma janela. As janelas altas davam para um pátio interno, onde operários descarregavam materiais sob a proteção de uma cobertura de lona. No interior, ainda estavam preservados os frisos originais de latão junto ao balcão, duas fileiras de luminárias esféricas e uma parede revestida de madeira clara. Era justamente essa parede que eu pretendia usar como fundo de uma das fotografias mais importantes da exposição. Albert parou à porta, examinou o ambiente e, em vez de comentar o espaço, olhou para mim.

— Você não respondeu à minha pergunta.

Coloquei a pasta sobre o balcão.

— Qual delas?

— Quando devo ficar e continuar a conversa.

— Quando ela for sobre trabalho.

— Essa é uma resposta segura.

— Profissional.

— Nem sempre significa a mesma coisa.

Tirei o projeto da exposição da pasta antes que acabasse dizendo algo menos sensato. Eu trabalhava naquele projeto havia seis semanas. A exposição, provisoriamente intitulada "Entre", deveria mostrar lugares onde as pessoas permanecem apenas por alguns instantes: corredores de hotéis, salas de espera, escadarias, saguões de estações ferroviárias. Não me interessava a nostalgia dos edifícios

abandonados. Eu queria mostrar que um espaço de passagem também podia proporcionar uma sensação de pertencimento. O Hotel Zora seria o coração de toda a narrativa, porque estava passando por uma transformação sem perder a própria identidade.

Albert se inclinou sobre os desenhos.

— Está tudo muito detalhado.

— Obrigada.

— Ainda não foi um elogio.

Levantei os olhos.

— Percebi.

Ele passou um dedo sobre um dos enquadramentos assinalados, sem tocar no papel.

— Por que o corredor está vazio em todas as fotografias?

— Porque estamos mostrando a arquitetura.

— E a exposição fala das pessoas que passam por ela.

— Da relação entre as pessoas e o espaço. Não precisamos de figurantes fingindo emoções.

— Concordo. Mas a ausência de pessoas também é uma escolha. E aqui você está fazendo essa escolha pelo visitante.

Observei a fotografia de referência. O corredor vazio, a parede azul, a luz repousando sobre o piso. Eu estava satisfeita com aquela composição. Conhecia cada um de seus elementos e sabia por que estava ali.

— E você gostaria de colocar uma pessoa qualquer no meio da cena e chamar isso de autenticidade?

— Eu gostaria de deixar espaço para alguma coisa que não planejamos.

— No orçamento da exposição não existe uma rubrica chamada "alguma coisa que não planejamos".

Albert soltou uma risada breve, mas logo ficou sério.

— Petra, não vim até aqui para fotografar as suas representações digitais.

Senti meus dedos se fecharem com força na borda da pasta.

— E eu não convidei você para modificar um projeto pelo qual sou responsável.

— É justamente por isso que precisamos estabelecer as condições.

Antes que eu respondesse, Klára Novotná entrou no bar. Era a curadora da exposição e representante da fundação que financiava o empreendimento. Tinha cabelos grisalhos curtos, óculos de armação vermelha e a energia de uma mulher que havia muito tempo deixara de acreditar em coincidências felizes. Carregava três copos de papel com café.

— Vejo que vocês já se conheceram.

— Já conseguimos descobrir que temos concepções diferentes — respondi.

— Excelente. Eu tinha receio de que vocês fossem educados demais.

Klára nos entregou o café e depois abriu sobre o balcão uma cópia impressa do contrato. Apontou para um trecho destacado em amarelo.

— Ontem à noite, o conselho da fundação aprovou uma mudança na forma de apresentação. Queremos uma única narrativa conjunta, não duas partes separadas. Petra fica responsável pelo espaço e pelo conceito da exposição.

Albert, pelas fotografias. A seleção final do material precisa ser feita em conjunto.

Li a cláusula duas vezes.

— Isso não constava na minha versão do contrato.

— Enviamos um aditivo hoje de manhã.

— Às seis e quinze — observei, consultando o celular. — É difícil considerar isso um acordo prévio.

Klára não tentou se defender.

— Você tem razão. Eu deveria ter telefonado ontem. O conselho tomou a decisão tarde, mas isso não justifica a maneira como a informação foi transmitida. Você pode se recusar a assinar o aditivo. No entanto, preciso ser sincera: sem um conceito conjunto, a fundação vai reduzir o financiamento da exposição.

Não era uma ameaça. E foi justamente por isso que soou pior.

Fiquei olhando para o documento por alguns instantes. Meu estúdio era pequeno. Eu empregava duas pessoas, e o projeto em Brno deveria abrir caminho para trabalhos maiores fora da Polônia. Não precisava de proteção nem de tratamento especial. Precisava de uma oportunidade para mostrar do que éramos capazes.

— Quanto tempo temos para decidir? — perguntei.

— Até amanhã, ao meio-dia.

Albert pousou o café.

— E eu tenho uma condição.

Virei a cabeça.

— Claro que tem.

— Quero ter o direito de mostrar os espaços também antes da montagem final. Marcas de uso, imperfeições, partes da reforma. Nem tudo precisa parecer um produto acabado.

— O hotel está se preparando para reabrir. Os proprietários não vão concordar com uma exposição que sugira que o edifício está malconservado.

— Então vamos mostrar que ele está passando por uma transformação.

— Você não pode decidir sozinho transmitir essa mensagem.

— Não pretendo. É por isso que estou conversando com você.

Klára nos observava com um interesse que eu não compartilhava.

— Vocês têm até amanhã. Hoje eu gostaria de ver alguns enquadramentos de teste. Sem decisões definitivas.

Ela nos deixou sozinhos.

Por alguns instantes, só se ouviu o ruído da ventilação.

— Você sabia do aditivo? — perguntei.

— Recebi hoje de manhã.

— E não achou necessário mencionar?

— Queria conhecer sua proposta primeiro.

— Isso não responde à minha pergunta.

Albert sustentou meu olhar sem sorrir.

— Eu sabia que você não gostaria da mudança. Não sabia que ela não tinha sido discutida com você. Deveria ter perguntado.

O fato de ele admitir o erro me deixou sem a resposta afiada que eu havia preparado.

— Sim — falei. — Deveria.

— Você tem o direito de ficar irritada.

— Não preciso da sua permissão.

— Eu sei.

Afastei o documento. Não pretendia tomar uma decisão movida pela irritação. Eu tinha trinta e cinco anos, uma empresa própria e experiência suficiente para distinguir ambição de orgulho. Pelo menos na maioria das vezes.

— Mostre o que você tem em mente — pedi.

Albert levantou a câmera.

— Aqui?

— Aqui.

Ele me conduziu até a entrada lateral do bar, onde, atrás de portas de vidro, havia um corredor técnico estreito. Na parede permaneciam retângulos mais escuros nos lugares de onde antigas placas haviam sido retiradas. Cabos novos passavam junto ao teto e, ao lado deles, pendia uma luminária antiga, ainda sem ligação elétrica.

— Este é um lugar que você não queria fotografar — disse ele.

— Porque não está pronto.

— Exatamente.

Tirou uma fotografia e depois me mostrou a tela da câmera.

Não havia nada de espetacular naquela imagem. A luz incidia sobre um trecho vazio da parede, enquanto a sombra de um cabo formava uma linha fina que conduzia até a

porta. Havia algo naquela fotografia que lembrava uma frase inacabada.

— Isso fala de espera — comentei, antes que pudesse me conter.

Albert olhou para mim.

— Exatamente.

— Mas, sem contexto, parece um registro de obra.

— Então vamos dar contexto a ela.

Examinei a fotografia novamente. Eu sabia como poderíamos utilizá-la. Não como imagem central, mas como parte de uma sequência que mostrasse o caminho entre um espaço inacabado e outro já ocupado. Até tinha uma ideia de como combiná-la com um detalhe do bar restaurado.

— Uma fotografia não basta — falei. — Precisamos de pares. O mesmo lugar antes e depois da transformação.

— Nem todos os lugares deveriam ter esse tipo de desfecho.

— Por quê?

— Porque, às vezes, o mais importante é o que acontece no meio do caminho.

Ele disse aquilo com tranquilidade. Mesmo assim, tive a impressão de que não estava falando apenas de arquitetura.

Voltamos ao bar. Abri o projeto sobre o balcão e assinalei três lugares em que a maneira como ele enxergava os espaços poderia complementar a minha. Albert não tentou tomar o lápis da minha mão. Fazia perguntas, algumas incômodas, mas sempre específicas. Quando sugeri utilizar um reflexo no vidro, ele compreendeu imediatamente que eu

não buscava apenas um efeito visual, mas uma maneira de mostrar dois estados do mesmo espaço simultaneamente.

Trabalhamos assim durante quase uma hora.

O que mais me surpreendia não era o fato de sermos diferentes, mas a capacidade de desenvolver a ideia um do outro sem tentar imediatamente se apropriar dela. Albert era paciente com as imagens e impaciente com os procedimentos. Eu era o contrário. Quando ele apontava um detalhe que eu não havia percebido, sentia gratidão e irritação ao mesmo tempo. Quando eu explicava as restrições de preservação do patrimônio, ele ouvia com uma atenção que me fazia querer continuar falando.

Em determinado momento, nossos ombros ficaram próximos enquanto nos inclinávamos sobre o projeto aberto. Senti o cheiro da jaqueta dele, do ar frio e de alguma coisa amadeirada, quase imperceptível. Ele não se afastou bruscamente nem tentou tirar proveito daquela proximidade. Apenas indicou outro ponto no desenho.

— Aqui preciso de uma hora sem a equipe da reforma.

— Posso organizar isso.

— E aqui quero fotografar ao amanhecer.

— O hotel abre para nós às sete.

— O sol vai nascer antes.

— Então precisamos conseguir autorização da segurança.

Ele me olhou com diversão.

— Você realmente consegue transformar o nascer do sol em um procedimento administrativo.

— Graças aos procedimentos, ninguém acaba trancado durante a noite no hotel de outra pessoa.

— Parece uma história interessante.

— Parece experiência profissional.

Ele sorriu, mas não insistiu.

À tarde, examinamos as fotografias de teste em um monitor grande instalado no escritório provisório. Klára voltou acompanhada de um representante do hotel, o senhor Dvořák, que permaneceu calado durante quase toda a apresentação. Quando Albert mostrou a fotografia do corredor técnico, o homem franziu a testa.

— Não queremos mostrar obras inacabadas.

Eu me preparei para explicar, mas Albert falou primeiro.

— Compreendo. É uma proposta para discussão, não uma escolha definitiva.

Ele olhou para mim.

Devolveu-me a palavra.

— Queremos combinar essa imagem com uma fotografia do mesmo lugar depois da conclusão dos trabalhos — expliquei. — Não como prova de imperfeição, mas como registro da transformação. Também podemos excluir os elementos técnicos que o proprietário não queira divulgar.

Dvořák refletiu por alguns instantes.

— Se eu puder ver o par completo de fotografias antes de aprová-las, podemos tentar.

Klára assentiu.

— Essa é a primeira direção conjunta.

Não disse que finalmente a havíamos encontrado. Ainda não confiava naquela parceria o suficiente para chamá-la de sucesso.

Quando ficamos sozinhos diante do monitor, Albert afastou a cadeira.

— Você conduziu bem a situação.

— Você também.

— Parece que doeu dizer isso.

— Um pouco.

Ele riu. Dessa vez, não tentei esconder meu sorriso.

Mais tarde, quando a equipe estava encerrando o expediente, voltei ao segundo andar para buscar a pasta que havia esquecido. Albert estava junto à janela no fim do corredor, examinando fotografias. Parei a alguns passos dele.

— Você tem tempo amanhã às oito? — perguntei.

— Depende. Para quê?

— Quero mostrar um lugar que não está no projeto da exposição.

Ele ergueu a cabeça.

— Ora, ora.

— Não tire conclusões precipitadas.

— Jamais ousaria.

Guardou a câmera e se aproximou. À luz do fim da tarde, percebi pequenas rugas ao redor dos seus olhos e um sinal de cansaço que não havia notado antes.

— Petra, tem mais uma coisa.

Esperei.

— Não quero assinar um aditivo que nos dá responsabilidade conjunta se, na prática, vamos brigar por cada fotografia.